

## Entre a emoção e o espetáculo: o karate esportivo brasileiro

**Marcelo Alberto de Oliveira**

Universidade de São Paulo

[marcelo.alberto@usp.br](mailto:marcelo.alberto@usp.br)

**Gabriel de Oliveira Feijó**

Universidade Estadual de Londrina

[gabriel.feijo@colegiopositivo.com.br](mailto:gabriel.feijo@colegiopositivo.com.br)

Envio original: 01-08-2022. Revisões requeridas: 10-01-2023. Aceitar: 18-01-2023. Publicado: 16-10-2023.

---

### Resumo

O esporte moderno é um fenômeno social que possui raízes no século XIX na Europa. No Japão, durante a Era Meiji (1868-1912), o governo imperial implementou uma série de mudanças estruturais no país, culminando com a transformação de várias artes marciais tradicionais em esportes modernos em fins do século XIX e começo do XX. Dentro dessas novas modalidades podemos indicar o Karate esportivo, que possui seus primeiros indícios no interior das universidades japonesas a partir da década de 1930. No Brasil isso se deu com a chegada de mestres japoneses, os quais organizaram as primeiras competições em terras tupiniquins a partir da década de 1970. Objetivando fazer uma aproximação do esporte Karate com o fenômeno esportivo, este estudo busca investigar o Karate brasileiro através da lente esportiva, mediante o modelo analítico proposto por Marchi Júnior, nomeado “Teoria dos 5 E’s”.

**Palavras-chave:** sociologia do esporte; esporte; karate.

---

### Resumen

El deporte moderno es un fenómeno social que tiene sus raíces en la Europa del siglo XIX. En Japón, durante la Era Meiji (1868-1912), el gobierno imperial implementó una serie de cambios estructurales en el país, que culminaron con la transformación de varias artes marciales tradicionales en deportes modernos a finales del siglo XIX y principios del XX. Dentro de estas nuevas modalidades, podemos señalar el Karate deportivo, que tiene sus primeros indicios dentro de las universidades japonesas a partir de la década de 1930. En Brasil esto sucedió con la llegada de maestros japoneses, quienes organizaron las primeras competencias en tierras tupiniquin a partir de la década de 1970. Para acercarse al deporte del Karate al fenómeno deportivo, este estudio busca investigar el Karate brasileño a través de una lente deportiva, a través del modelo analítico propuesto por Marchi Júnior, denominado “Teoría de las 5 E”.

**Palabras clave:** sociología del deporte; deporte; kárate.

---

### Abstract

Modern sport is a social phenomenon that has roots in 19th century Europe. In Japan, during the Meiji Era (1868-1912), the imperial government implemented a series of structural changes in the country, culminating in the transformation of several traditional martial arts into modern sports in the late 19th and early 20th centuries. Within these new modalities, we can point out sports Karate, which has its first indications within Japanese universities from the 1930s onwards. In Brazil this happened with the arrival of Japanese masters, who organized the first competitions in Tupiniquin lands from from the 1970s. Aiming to bring the sport Karate closer to the sporting phenomenon, this study seeks to investigate Brazilian Karate through the sports lens, through the analytical model proposed by Marchi Júnior, named “Theory of the 5 E's”.

**Keywords:** sociology of sport; sport; karate.

## Introdução

Segundo Guttman (1978), as primeiras organizações esportivas nacionais nasceram em meados do século XIX, na Inglaterra. No final do século, as organizações internacionais proliferaram, e o Comitê Olímpico Internacional (COI) nasceu, em 1894. No século XX, quase todas as nações modernas criaram uma burocracia esportiva governamental para ajudar a regular ou substituir as associações voluntárias do século XIX. Surge, então, o Movimento Olímpico e com ele a necessidade de organizações fortalecerem um imaginário institucional soberano (Rubio, 2010). Neste contexto, segundo Ferreira (2021), o esporte acabou sendo um fenômeno mutante que se transformou e se transforma junto da sociedade. “Portanto podemos considerar que o esporte moderno colocado no século XIX, ao chegar no século XXI, já não é mais o mesmo” (p. 52). Por exemplo, no Brasil, não houve um caminho único para o desenvolvimento do esporte, uma vez que inúmeras adaptações e apropriações foram necessárias (Moraes e Silva *et al.*, 2020).

Paralelamente a esse processo a Sociologia do Esporte emerge de modo a iluminar as dinâmicas sociais da história do esporte moderno, o que ajuda a compreender também as especificidades das diversas modalidades esportivas existentes, suas propriedades, representações, tensões, processos, disputas de poder, oferta, demanda etc. (Souza e Marchi-Júnior, 2017). Deste modo, ela ajuda a descrever e explicar os mundos sociais, na medida em que analisa como são criados, recriados e alterados os fenômenos sociais relacionados ao esporte. Além disso, busca entender como são organizadas e influenciadas as nossas vidas, isto é, as nossas relações uns com os outros. Dito de outra forma, fazer Sociologia do Esporte é aprender a ver nossas vidas e as vidas dos outros “no contexto”, ou seja, nos mundos sociais em que vivemos (Coakley, 2021).

Com o passar dos anos, as modalidades esportivas acabaram por adquirir novas roupagens, tendo em vista os processos de esportivização e institucionalização pelos quais passaram (Marchi Júnior, 2015). Neste âmbito, viu-se o despertar de enquadrá-las em esporte ou não. Isso se deve principalmente a agentes sociais do campo acadêmico que estariam preocupados com a abrangência e os limites do conceito de esporte (Marques, 2015).

Práticas como o Karate<sup>1</sup>, entendido aqui como esporte, que surge no território brasileiro, durante um período marcado pela imigração japonesa pós Segunda Guerra Mundial (SGM), passando pela esteira do Regime Militar, depois pelo *boom* do campo cinematográfico, até chegar na contemporaneidade, são colocados a prova, sobretudo, por conta das diversas disputas que são travadas no interior do campo esportivo com essa modalidade ao longo da história do Brasil. Aqui considera-se

---

<sup>1</sup> Adotou-se a nomenclatura em inglês “Karate” para este artigo, o mesmo utilizado pela Confederação Brasileira de Karate (CBK, 2022),

como importantes “às especificidades e particularidades brasileiras em questões históricas, geográficas e sociais” (Moraes e Silva *et al.*, 2020: 24).

Se buscarmos compreender como acontecem essas disputas, aliado a história da modalidade no Brasil, poderemos ter a chance de entender como as oportunidades se apresentam para os atletas. Além do mais, as instituições possuem relações com outras instituições, o que pode revelar como acontecem os acordos e desacordos políticos. Buscamos, entretanto, analisar o Karate brasileiro para além do esporte competitivo ou de alto rendimento, por meio de uma observação em diversas facetas. Desta forma, procura-se entendê-lo pela ótica de Marchi Júnior (2015), que é uma “leitura do esporte numa perspectiva ampliada e de múltiplos sentidos, significados, contextos e dimensões” (p. 59).

Para tanto, o objetivo deste estudo é, através do Modelo Analítico dos 5 E’s proposto por Marchi Júnior (2015), investigar o Karate brasileiro enquanto fenômeno esportivo, buscando aproximá-lo do próprio esporte mundial e, assim, contribuir para a discussão a respeito do seu direcionamento para os Jogos Olímpicos.

## O Karate esportivo

Depois de ter sido introduzido nas escolas de Okinawa a partir do século XIX, através de um processo conhecido como pedagogização (Pucineli, 2017), o Karate adentra no Japão Continental, na primeira metade do século XX, e passa a ser reformulado com vistas a atender as exigências de um governo imperial que tinha diversas aspirações – busca por uma identidade nacional, projeção expansionista, ascensão ultraconservadora, fazendo diversas reformas de ordem econômica, industrial, educacional, tecnológica etc.

A partir da década de 1920 a prática se “japoniza” (Johnson, 2012), isto é, deixa de lado diversos elementos, considerados descartáveis pela instituição *Dai Nippon Butokukai* (termos chineses, técnicas e instrumentos letais, dentre outros), e passa a incorporar outros elementos (vestimentas, hierarquia de faixas, nomenclatura e preceitos do Budo). Desta forma, através deste processo, também podendo ser chamado de “budocratização” (Figueiredo, 2006), o Karate é em grande parte um exemplo de tradição inventada (Guttmann e Thompson, 2001).

Na sequência, um novo processo acabou acontecendo com o Karate, especialmente observado no interior das universidades, o qual podemos chamar de esportivização (Oliveira *et al.*, 2018). Esse processo está vinculado, de certa forma, as influências de outras modalidades esportivas de combate que os alunos e mestres das universidades japonesas experimentavam. Com o passar do tempo, houve a necessidade cada vez maior de transformar o Karate num esporte, tendo em vista que com a ocupação estadunidense (1945-52) várias artes marciais tradicionais – sem aspectos de competição – foram sendo proibidas por essas forças de ocupação (Kim e Kim, 2022).

Há poucos registros das primeiras competições de Karate da história da modalidade e, obviamente, estão reservadas ao território japonês. Contudo, é importante ressaltar que não foi um processo rápido, uma vez que diversos agentes se articularam para “esportivizar” essa prática. “Além disso, não havia competições de Karate fora dos clubes universitários até a década de 1950” (Alcantara e Rodrigues, 2000: 2 tradução nossa)<sup>2</sup>. Neste pensamento, para entendermos melhor esse processo de transição “de arte marcial para esporte de combate”, é preciso voltarmos no tempo, isto é, na década de 1930, mais precisamente em 1936, ano da fundação da Federação de Karate de Estudantes do Japão, em Tóquio. Segundo Figueiredo (2006), nesse evento estavam presentes o mestre Gichin Funakoshi (1868-1957) e seu discípulo Masatoshi Nakayama (1913-1987).

Na ocasião, Funakoshi e Nakayama aproveitaram para promover o 1º Torneio de Kumite (luta) da história da modalidade em ascensão. Sete anos depois, em 1943, são realizados nas Universidades de Meiji, Takushoku e Keio torneios, ditos, “amigáveis”. Destaca-se aqui a participação de *karatekas* da Universidade de Ritsumei-kan. Já em 1947, estudantes da Universidade de Meiji organizam o 1º Torneio pós-SGM (Figueiredo, 2006).

Por outro lado, para Kim e Kim (2022), o primeiro torneio de Karate que se tem notícia é datado de 1946, em Tóquio, organizado pela *Kanbukan*, cujo gestor foi o coreano Kwaebyeong Yoon (1923-2000). Ou seja, durante a ocupação estadunidense no Japão (1945-1952), um ano após o término da SGM. No entanto, na sequência, essa instituição, fechou as portas e Yoon acabou voltando à Coreia. Já para a *Japan Karate Association* (JKA), o ano de 1957 é memorável, na medida em que “em outubro de 1957, o 1º JKA *All Japan Karate Championship* foi realizado em Tóquio. Neste primeiro torneio, o primeiro torneio de regras de Karate da história” (JKA, 2022: 1 nossa tradução)<sup>3</sup>. Portanto, como mencionado antes, há diversas teorias sobre os primeiros resquícios de competição da modalidade Karate.

Já no Brasil as primeiras manifestações do Karate esportivo que se tem registro aconteceram a partir da década de 1960, com os imigrantes japoneses que aqui se estabeleceram após a SGM (Frosi e Mazo, 2011; Ledur, 2012; Ledur, Carmona, e Mazo, 2013). Nesta conjuntura, em 1965, Akira Taniguchi organizou o 1º Torneio Interestadual de Karate no Brasil, realizado na cidade de São Paulo (Rangel, 1996; Richard, 2017).

Em 1965, São Paulo sediou o Primeiro Movimento Nacional de Integração de Karate e o Primeiro Torneio Interestadual de Karate. A Bahia levou um time composto por Lázaro Gagliano, Denilson Caribé, Carlos Alberto Costa, Ivo Rangel, Renato D. Filho e Renato Pereira, com [Eisuke] Oishi como técnico. Ele listou sua associação como Wado-Ryu sob

<sup>2</sup> “Furthermore, there weren’t karate competitions outside university clubs until the 1950s”.

<sup>3</sup> “In October 1957, the 1st JKA *All Japan Karate Championship* was held in Tokyo. At this first tournament, the first karate match rules tournament in history”.

Akira Taniguchi de São Paulo, e a equipe da Bahia levou o troféu de primeiro lugar (Alcantara e Rodrigues, 2000: 12 tradução e grifo nosso)<sup>4</sup>.

Segundo Rangel (1996), nos anos de 1960, o Karate nacional se movia a passos lentos, tendo em vista que a falta de recursos para o funcionamento interno das academias existentes contribuía para um baixo desenvolvimento. Neste embrionário movimento de esportivização, as escolas de Karate que conseguiam se organizar melhor, promoviam eventos na própria cidade. Mas isso acabou sendo rompido, uma vez que eventos como o interestadual, em 1965, começaram a serem comuns todos os anos. Em 1966, acontece, então, a segunda edição do interestadual.

Segundo Alcantara e Rodrigues (2000), na sequência, em 1968, a JKA (*Japan Karate Association*) do Brasil, também chamada de “*Nihon Karate Kiokay*” e conhecida por ser uma organização do estilo Shotokan, chefiada do Japão por Nakayama, realiza seu primeiro torneio nacional. Curiosamente, os praticantes desse estilo no Brasil, foram os que mais tinham interesse na época em organizar competições<sup>5</sup>. “Até 1967, a maioria das academias brasileiras de Karate eram escolas *Shotokan*, sendo as principais exceções o *Shorin-ryu* de Shinzato, o *Goju-Ryu* de Akamine e o *Wado-Ryu* de Takamatsu” (Alcantara e Rodrigues, 2000: 7, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Finalmente, no ano seguinte, em 1969, é realizado o 1º Campeonato Brasileiro de Karate da história do país, organizada pela Confederação Brasileira de Pugilismo – CBP (Rangel, 1996).

O congresso pleno do I CAMPEONATO BRASILEIRO DE KARATE, teve início às 15 horas, no dia 01/12/69, na sede própria da CBP, localizada à Rua Pedro I, nº 07, sala 906, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, contando com a presença dos delegados das seguintes federações: Paulista, Brasiliense, Baiana e Carioca, todas ainda ligadas ao pugilismo (Rangel, 1996: 107).

Para Alcantara e Rodrigues (2000), o Karate se desenvolveu inicialmente em São Paulo e Bahia, visto que era onde vivia a maioria dos descendentes de japoneses, inclusive okinawanos. Ao final da década de 1960, o Karate brasileiro já revelava diversos campeões famosos originários dos Estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. A partir da década de 1970 outros Estados começaram a apresentar novos campeões à medida em que se popularizava a prática esportiva pelo país, destaca-se: Rio Grande do Sul e Paraná.

Podemos considerar como grandes incentivadores na introdução de competições nos clubes

<sup>4</sup> “In 1965, São Paulo hosted the First National Karate Integration Movement and the First Interstate Karate Tournament. Bahia took a team composed of Lázaro Gagliano, Denilson Caribé, Carlos Alberto Costa, Ivo Rangel, Renato D. Filho, and Renato Pereira, with Oishi as the coach. It listed its association as Wado Ryu under Akira Taniguchi of São Paulo, and the Bahia team took the first place trophy”.

<sup>5</sup> Segundo Alcantara e Rodrigues (2000), até 1967 o Karate *Shotokan* não era tão competitivo, uma vez que o treinamento do Karate brasileiro, de um modo geral, se concentrava no *kata* (formas) e não no *kumite* (luta). O Brasil só experimentaria maior regularidade de competições a partir do início da década de 1970.

<sup>6</sup> “Until 1967, most Brazilian karate academies were Shotokan schools, the chief exceptions being Shinzato's Shorin-ryu, Akamine's Goju Ryu, and Takamatsu's Wado Ryu”.

universitários brasileiros, ao longo da década de 1970 no Brasil, os mestres Koji Takamatsu e Michizo Buyo, ambos do estilo *Wado-ryu* (Alcantara e Rodrigues, 2000) e Yasuyuki Sasaki do estilo *Shotokan* (Costa, 2021). Com relação ao estilo de Karate *Kyokushin-Kai* no país, observa-se que houveram movimentos introdutórios do Karate esportivo, inicialmente, por Tsuneyoshi Tanaka, Shojiro Ogawa e Seiji Isobe, durante a década de 1970 (Alcantara e Rodrigues, 2000).

De acordo com Oliveira *et al.* (2019), o Karate passou por inúmeras transformações, desde a possibilidade de concebê-lo como Budo até chegar ao aspecto esportivo que possui atualmente. Aqui destaca-se sua popularidade girando em torno de 50 a 100 milhões de praticantes pelo mundo (Brasil, 2018). Além disso, pensando no Karate esportivo brasileiro e no seu grau de relevância atual, já foram destinados, entre 2005 a 2019, pelo Governo Federal, mais de 14 milhões de reais em Bolsa Atleta (IPIE, 2020).

Tal apresentação, porém, não se sustenta caso queiramos analisar o Karate esportivo brasileiro de maneira crítica como um fenômeno social, ou mesmo, que “permite desvelar algumas das dinâmicas sociais que vêm marcando a história do esporte moderno e vêm fazendo dele uma prática legítima” (Souza e Marchi-Júnior, 2017: 279). Pensando nisso, pretende-se analisar essa modalidade por meio do modelo analítico dos **5 E’s** (Marchi Júnior, 2015). Assim sendo, considerando as cinco categorias, a saber: **emoção; estética; ética; espetáculo e educacional**. Buscar-se-á fazer uma aproximação do esporte Karate com o fenômeno esportivo.

### **Algumas facetas sobre o Karate esportivo brasileiro**

De acordo com Coakley (2021), a prática do Karate, assim como de outras artes marciais de origem asiática, tem crescido substancialmente nos últimos anos, especialmente entre as crianças. Um dos efeitos desse *boom* é que cada vez mais são necessárias pesquisas sociológicas para tentar compreender seus desdobramentos. Além do fato de haver a possibilidade de que essas formas esportivas se tornem outra coisa, melhor dizendo, “que suas raízes asiáticas sejam perdidas ou ignoradas pelos participantes” (Coakley, 2021: 277, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Neste âmbito, tem-se um campo em que o antigo e o moderno demonstram tensões, ao mesmo tempo em que processos são evidenciados, rupturas são observadas, discontinuidades e continuidades se afloram, o que ganha ainda mais importância estudos como este. Neste pensamento, os dias atuais trazem “novos cenários esportivos movidos também por diferentes estilos de vida, cujos espaços sociais e, principalmente, a relação dos indivíduos com o esporte foram alterados com o decorrer do tempo, ainda que as práticas tradicionais continuem se fazendo presentes em nossas vidas” (Marchi-Júnior, Almeida e Souza, 2019: 85).

<sup>7</sup> “That their Asian roots are lost or ignored by participants”.

Dito isto, a partir de um modelo analítico, com vistas a construir diálogos entre o mundo esportivo e a sociedade em geral, levando em conta suas estruturas e agentes, embates e tensões, Marchi Júnior (2015) possibilita uma perspectiva ampliada do esporte Karate.

Tem-se dessa forma o primeiro E, da **Emoção**, está associado “às possibilidades que o esporte detém de remeter seu praticante a, por exemplo, situações de desafios e riscos controlados quer sejam eles de ordem construída tecnologicamente, quer sejam eles apresentados de forma primária na natureza” (Marchi Júnior, 2015: 60).

Isto é, relaciona-se com excitação, desafios, risco, formas de violência, natureza, efeito catártico, situações de “descontrole controlado”, “desrotinização”, o que dialoga muito com teóricos como Norbert Elias (1994) e Ulrich Beck (2011). Exemplos disso, podemos considerar, “nas torcidas em estádios de futebol, por exemplo, e nas brigas e violência que alguns jogos ocasionam, mostrando o extrapolar dos limiares de civilização” (Ferreira, 2021: 56–57).

No campo do Karate esportivo, percebemos esse E presente especialmente em campeonatos, nos quais se tem logicamente o embate entre as melhores equipes. Com isso as tensões que são geradas nesse tipo de situação são frequentemente determinadas pela impossibilidade, em um primeiro momento, de saber qual equipe será a vencedora. Observa-se em campeonatos de alto nível isso ainda mais acentuado como, por exemplo, nos mundiais da modalidade, na medida em que são postas em xeque táticas, técnicas, capacidades físicas e psicológicas dos agentes no interior desse campo, demonstrando toda a potência das tensões, extravasando-as.

Citamos aqui a memorável participação do atleta brasileiro Luiz Tasuke Watanabe (1947-2021) no mundial da modalidade – *World Shotokan Karate Championship* – realizado em 1972, em Paris (França). Na ocasião, Watanabe tinha 26 anos de idade e foi campeão da categoria *kumite* (luta), vencendo 8 lutas por *ippon* (golpe perfeito). O feito causou diversos desdobramentos: o brasileiro foi considerado o primeiro da história da modalidade a ter conquistado um título mundial; o nome de Watanabe foi inserido no Livros dos Recordes; e Marques Junior (2013) acabou publicando um artigo científico, em que analisou as lutas do emblemático *karateka*. Feito que trouxe muita emoção não só para Watanabe, no momento da conquista, mas também para os espectadores que o assistiam. A sua volta para casa trouxe também novas emoções, assim que regressou ao Brasil.

Por mais que não visualizasse o título como algo tangível, ele possuía “cara e coragem” para lutar e, ao ver seus companheiros excluídos da competição, principalmente quando Dorival Caribé perdeu a luta na semifinal, ele se motivou para “vingar” o amigo. A luta final foi disputada entre Watanabe e O’Higgings da Inglaterra, duas vezes vice-campeão mundial de Karate-Dō e aluno do sensei Enoeda. Após a vitória, menciona que se encontrou cercado por muitas pessoas buscando-o para uma foto, inclusive os sensei Nakayama e Kanazawa que ele almejava conhecer. Logo após a conquista Watanabe retornou a cidade de Porto Alegre. Ao desembarcar no aeroporto da capital gaúcha, os militares para o quais ele ministrava aula o

aguardavam para uma homenagem. Rememorou que, após isso, não sabia mais se Porto Alegre era mesmo “alegre” ou “inferno”, pois muitos repórteres queriam entrevistá-lo e ele não sabia o que dizer, principalmente pela falta de domínio da língua portuguesa (Aires *et al.* 2017: 124).

Neste contexto, percebe-se ligadas ao desenvolvimento do esporte Karate, em especial na experiência e história de Watanabe, a presença de tensões e catarse. Segundo Elias e Dunning (1992: 71), “se perguntarem de que modo é que se animam os sentimentos, como é que a excitação é favorecida pelas atividades de lazer, descobre-se que isso é dinamizado, habitualmente, por meio da criação de tensões”.

Tais componentes miméticos, pensando numa perspectiva ampla e não se reduzindo a imitação de gestos, permite enxergarmos “um processo não linear que apresenta tensões, frustrações e contradições” (Marchi Júnior e Gebara, 2020), uma vez que os efeitos da vitória do *karateka* fez emergir uma série de sentimentos em quem estava envolvido naquele momento. Além do que, essa dimensão da emoção nos revela os impactos dos eventos esportivos tanto para o público quanto para aqueles que praticam/praticaram esporte (Varotti, Heeren e Souza, 2020).

O próximo “E”, se refere à **Estética**, estando diretamente relacionado aos conceitos, tais como: corporeidade, estereótipos, individualismo, tecnologias, patologias, plasticidade, saúde. O que dialoga muito com outros autores como, por exemplo, Gumbrecht (2007) e Rubio (2001).

Daremos mais enfoque inicialmente sobre o conceito de saúde. Seu sentido caminha na direção da prática esportiva que busca bem-estar, especialmente físico. Entretanto, “nada mais equivocado que essa perigosa associação determinista, principalmente se levarmos em consideração as diversas expressões do esporte diante de sua compreensão polissêmica” (Marchi Júnior, 2015: 61). Assim sendo, podemos pensar, por exemplo, até que ponto a prática do Karate de alto rendimento é benéfica para um indivíduo que passa boa parte do seu dia treinando para competir em alto nível?

Há estudos que mostram a necessidade de se pensar em medidas preventivas e manejo de lesões, sendo fundamentais para evitar danos maiores em atletas de Karate no Brasil (Martins *et al.*, 2017). Por exemplo, a falta de preparação física no uso de golpes de chutes frontais demonstram ser muito lesivos, tendo em vista a grande aceleração que é desenvolvida na aplicação do golpe (Santos, 2015). Regiões como os dedos das mãos também são frequentemente acometidos com entorses, fraturas, distensões (Cunha, 2016), mas também em joelhos e tornozelos/pés, (Dias *et al.*, 2016) e ombros durante o período de treinamento (Sena, 2014). Ademais, há um certo risco de acontecer lesões cefálicas durante as lutas devido ao contato excessivo (Oliveira, Vieira e Valença, 2011). Outra questão é com relação a variáveis bioquímicas que podem apresentar fadiga metabólica com dano muscular (Urbinati *et al.*, 2017).

Dito isto, parece que o Karate esportivo não é tão saudável do ponto de vista de quem busca

bem-estar. Assim sendo, “seria pensarmos se efetivamente o esporte em sua perspectiva profissional atende as prerrogativas de uma atividade constituinte de aspectos saudáveis e duradouros para a pessoa que assim o pratica” (Marchi Júnior, 2015: 61). Além de tudo, relaciona-se aos efeitos do aparecimento de uma lesão a possibilidade da falta de recursos do atleta para pagar pela sua recuperação ou treinamento, o que poderá acarretar, não raro, no abandono do esporte (Coakley, 2021).

Outra questão, não menos importante, tem relação com estereótipos que foram construídos ao longo da introdução e difusão do Karate no Brasil. A vinda dos primeiros mestres japoneses para o país acompanhou um curioso acontecimento. A partir da década de 1960 houve um grande crescimento de matrículas em escolas de artes marciais e isso está intimamente relacionado com o contexto mundial da época. Coincidentemente o campo cinematográfico lançava seus primeiros filmes envolvendo artes marciais asiáticas e isso, aliado as competições que começavam a surgir na época, despertou o interesse pela prática de diversos públicos – alguns autores já se debruçaram a estudar esse fenômeno (Ferreira *et al.*, 2010; Ferreira, Sonoda-Nunes e Marchi-Júnior, 2010; Oliveira, 2015; Oliveira e Sonoda-Nunes, 2017; Pinto, 2021; Pucineli, 2019; Santos, 2021; Silva e Campelo, 2020; Sousa, 2013). O poeta, escritor curitibano e faixa preta de judô, Paulo Leminski (1944-1989), comentou sobre esse período:

Foi nessa época que as artes marciais do Oriente começaram a entrar na moda em Curitiba e, conseqüentemente, no mundo. Artes marciais, aqui, quer dizer judô, a primeira a se afirmar, seguida pelo florescimento dos vários estilos de Karate, aikidô, depois, tae-kwon-dô, tai-chi, hapki-dô, e todas essas maneiras elegantes de quebrar a cara do próximo que o Extremo Oriente desenvolveu. Na época, a gente não distinguia direito as coisas. Tudo o que se sabia é que o domínio de uma arte marcial asiática representava uma superioridade na luta dos machos pela supremacia homem a homem (Leminski, 1986: 1).

Diante disso, vem a seguinte questão: muito embora os filmes tenham exercido importante papel na difusão das artes marciais pelo país, evidenciado pela indústria cinematográfica, a qual deu visibilidade tanto a astros originários de Hong Kong (China) quanto de Hollywood (EUA) – Bruce Lee, Jet Li, Jackie Chan, Steven Seagal, Jean-Claude Van Damme, Ralph Macchio, Pat Morita, dentre outros – a forma como são retratadas as lutas nesses filmes demonstram certo desconhecimento e distanciamento destas práticas, acabando por gerar, não raro, dificuldades na apropriação destas modalidades (Ferreira, Sonoda-Nunes e Marchi-Júnior, 2010).

Retrata-se seguidamente um imaginário carregado de heroísmo, sentimentos de aguerrido, combatente, destemido, frequentemente, associado a figura ou ao arquétipo de guerreiro invencível (Rubio, 2001). Busca-se frequentemente resgatar histórias memoráveis, porém, por vez, “forçando” ou “inventando” algumas delas. Rememora-se heróis do passado, imperadores, samurais, fazendo até uso de um elogio a “beleza atlética” desses personagens (Gumbrecht, 2007) numa tentativa ambiciosa de vender a todo custo, o que está em sintonia com a lógica de oferta e demanda (Bourdieu, 2003).

A forma fantasiosa e estereotipada com que as cenas são abordadas revelam, muitas vezes, o pouco cuidado com realidades históricas, culturais e geográficas (Ferreira, Sonoda-Nunes e Marchi-Júnior, 2010; Marta, 2009). Nesta esteira, “o fascínio e o deleite na apreciação de uma performance corporal esportiva em seus vários níveis e *clases* midiáticos. As imagens congeladas, superdimensionadas, com redução de velocidade, atestam a magnitude e o encantamento sugerido” (Marchi-Júnior *et al.*, 2019: 88).

O próximo “E” refere-se à **Ética**, relacionado as regras, valores, construções sociais, padrões de comportamentos e conduta (*fair play*; embates entre humanistas e pós-humanistas, à exemplo associados a dilemas bioéticos etc.). De acordo com Marchi Júnior (2015: 61), “podemos discutir a Ética, ou pelo menos seus pressupostos, a partir de um conjunto de regras, valores e condutas”. É válido destacar que estão associados a esse “E” atitudes que são caracterizadas como positivas (“jogo limpo”) ou que não cumprem um código de honra/respeito, no sentido de uma “pseudo-ética” (Marchi Júnior, 2015; Varotti *et al.*, 2020).

Para a análise utilizada em relação ao Karate esportivo, especialmente o brasileiro, poderíamos direcionar nesta dimensão da Ética as regras, princípios, normas, regulamento e condutas pela entidade regulamentadora, chamada: Confederação Brasileira de Karate – CBK. Nesta conjuntura, também participam as condutas dos atletas e gestores, ao mesmo tempo em que revela-se a dinâmica do sistema de classificação funcional ao qual esses agentes interagem. A separação dos atletas em categorias, bem como o monopólio de como são feitas as distribuições das chaves de disputa, também são observadas nessa categoria.

De acordo com Testa (2007: 61), “o campo esportivo do Karate experimenta tensões estruturais que o impede de se abrir à modernidade e aproveitar as oportunidades que se apresentam para seu crescimento em todos os sentidos”. Nesta perspectiva, desde a fundação da CBK, em 1987, o Karate esportivo brasileiro tem experimentado muitas tensões, na medida em que foram sendo colocadas em “cheque” o modo pelo qual a gestão esportiva dessa organização era conduzida, especialmente nas primeiras décadas de sua existência (Testa, 2010).

Carla Ribeiro Testa, ver ela em sua Dissertação de Mestrado em Sociologia (Testa, 2007), que depois virou livro (Testa, 2010), que houve inicialmente nos primeiros anos da gestão da CBK, em certa medida, certo favorecimento de alguns Estados, entre eles Minas Gerais e São Paulo, o que acabou culminando com divergências políticas e uma série de dissidências. Assim, novas organizações esportivas paralelas da modalidade foram fundadas<sup>8</sup>, tais como: a Confederação Brasileira de Karate-Do

---

<sup>8</sup> Segundo Testa (2010: 75), “a legislação brasileira é bem clara ao permitir que sejam criadas várias entidades de administração para uma mesma modalidade esportiva. O artigo 4º, 3º, da Lei nº 9.615/98, que aborda a composição e os objetivos do Sistema Brasileiro do Desporto, prevê que a organização desportiva do País seja fundada na liberdade de associação”.

Tradicional; Confederação Brasileira de Karate Point; Confederação Brasileira de Karate Interestilos; dentre outras.

Além do mais, outras questões contraditórias, no sentido de nos provocar a refletir, estiveram atreladas a esse primeiro período da CBK. Por mais de 15 anos a CBK teve uma presidência que exerceu mandato, ou seja, teve um monopólio político sob a instituição. Um outro caso, refere-se ao controle e a influência que a CBK exercia, num determinado momento de sua história, sobre afiliadas (Testa, 2007).

Foi nas eliminatórias de um dos circuitos de competição mais conhecido no país, os Jogos Abertos do Interior de São Paulo. Em uma ocasião, a prefeitura de Ribeirão Preto não estava conseguindo fazer sua filiação à Federação Paulista de São Paulo, porque mantinha nos seus quadros a filiação de uma atleta que a Confederação Brasileira de Karate, por motivos políticos, não queria em seus quadros. Enquanto a Prefeitura não desfilou a atleta, não teve seu pedido de registro aceito. A CBK tinha orientado a federação paulistana a fazer tal exigência à Prefeitura. Se a Prefeitura de Ribeirão Preto não retirasse a atleta de seu quadro de filiados, não se filiaria, se não se filiasse, não poderia participar dos Jogos Regionais do Interior de São Paulo, seletivos para os Jogos Abertos (Testa, 2007: 86–87).

Devido a essa postura um tanto centralizadora e autoritária por parte da organização nacional, a sua imagem tende a ficar comprometida, resultando numa diminuição do seu capital simbólico (Bourdieu, 2004). Como postura arbitrária por parte da gestão da CBK, houve casos de ameaças a atletas vindos da direção da entidade. Segundo Testa (2007), um caso desse aconteceu na vigência do primeiro estatuto da CBK, isto é, quando não havia a proibição de os filiados se associarem a outras organizações esportivas da modalidade. Atualmente essa exigência está no texto estatutário da CBK. Entretanto, o presidente da entidade na época querendo impedir que os atletas participassem de outros circuitos de competição – quando ainda não fazia parte do estatuto – “em conversa reservada, os proibiu de participar, ameaçando-os com expulsão” (Testa, 2007: 89).

Analisaremos agora outros dois casos que ocorreram e que retratam um pouco dos bastidores da história do Karate esportivo brasileiro. O primeiro se refere ao caso da atleta afrodescendente Maria Cecília de Almeida, também conhecida como “Ciça”, e o segundo envolvendo o antigo delegado da seleção brasileira de Karate, Antônio Testa.

Maria Cecília de Almeida, hoje a atleta da seleção mais premiada pela CBK, ao ganhar o título mundial de Karate na *World Cup of Fukuoka* foi premiada pela patrocinadora da seleção à época, a Nossa Caixa, com um prêmio de R\$ 10.000,00 (dez mil reais). Relata a atleta que até hoje não recebeu o prêmio que ficou retido pela presidência da CBK. Esse é um caso que extrapola o âmbito da justiça esportiva, não se trata de questões ligadas à disciplina esportiva. Trata-se, sem dúvida, de um caso da órbita do direito penal. Outro conhecido episódio ocorreu em 1990 quando a Confederação Brasileira de Karate recebeu verba do Ministério do Esporte para comprar os bilhetes de passagens para os atletas participarem do Campeonato Sul Americano de Karate, na Venezuela. Apesar de terem recebido verba para pagar os bilhetes e taxas de embarque, incumbiram o delegado da seleção, Antônio Testa, de cobrar dos atletas o dinheiro

das taxas. O delegado relatou o fato aos atletas, não cobrou taxa nenhuma e foi tornado *persona non grata* pela CBK (Testa, 2007: 101).

Nesta conjuntura, percebe-se que o Karate esportivo brasileiro tem em sua história diversas atitudes que denunciam o perfil “patrimonialista” de gestões passadas (Testa, 2007). Mais que isso, os atletas<sup>9</sup> acabam por estar vulneráveis frente aos interesses exploratórios de uma lógica opressiva (Coakley, 2021). Porém, o esporte pode sim ensinar valores positivos, muito embora possam ocorrer atitudes antiéticas, discriminatórias ou segregacionistas (Ricci, Oliveira e Marques, 2022). Para concluir, tirando esse lado nefasto do campo do Karate, a modalidade esportiva pode ser direcionada para a oportunidade, tendo em vista que possibilita conhecer outras pessoas, lugares, culturas, ter uma profissão, um refúgio para alunos advindos de projetos sociais (Camilo e Rubio, 2020), com ricos rituais e tradições (Oliveira, 2020), trazendo segurança e proteção em amizades (Simões, Pereira e Figueiredo, 2021), buscando cada vez mais entrar em sintonia com os valores e o movimento olímpico (Oliveira, 2021; Rubio, 2019).

Como quarta dimensão, se configura o “E” de **Espectáculo**. Relaciona-se a ele a geração e constituição de ofertas e demandas, bem como seu apelo motivacional e emocional. Ainda, a capacidade de movimentar o contexto mercadológico e econômico. A plasticidade e viabilidade midiática também configura-se ao Espectáculo, uma vez que está associado aos aspectos performáticos do esporte e, além disso, a “estetização do movimento”. Neste universo, também a mobilização populacional, a capacidade de comunicação e interferência global etc. (Marchi Júnior, 2015).

Como exemplo de “estetização do movimento”, podemos analisar o fato de que, o ex-atleta Watanabe, mencionado anteriormente, foi campeão mundial, em 1972, sem desferir nenhum chute naquela ocasião, ou seja, ganhou todas as lutas com socos, especialmente com golpes *gyaku-zuki* – soco contrário a perna da frente (Marques-Júnior, 2013). Hoje esse golpe, muito embora tenha sua eficiência comprovada, não figura entre os preferidos dos atletas de Karate, isto é, acabou por perder o posto para o chute semicircular – *mawashi-geri*. É o que podemos deduzir quando observamos o estudo de Ribas *et al.* (2020) quando se investigou atletas medalhistas e derrotados durante um Campeonato Brasileiro de Karate Shotokan de 2017. O estudo concluiu que o ataque do *mawashi-geri* foi a decisão mais assertiva usada pelos atletas, contabilizando  $26.3 \pm 1.5$  vezes, seguido do *gyaku-zuki* com  $19.5 \pm 2.0$  vezes.

No entanto, o estudo de Tabben *et al.* (2014) apontou que *karatekas* de alto rendimento, durante um mundial, usaram técnicas de membros superiores mais do que membros inferiores, demonstrando

---

<sup>9</sup> Segundo Testa (2007: 71), “se os atletas tivessem formado uma liga para defender os interesses da classe ou alguma outra entidade de classe, teria instrumento para negociar ações mais democráticas na CBK. Porém, os atletas nunca formaram nenhuma organização para representar a categoria”.

que, muito embora atletas utilizam-se em menor número golpes de chute, a sua efetividade é maior do que golpes de soco.

O chute semicircular acaba por ser muito mais plástico, bonito, atraente, porém, por se tratar de um golpe utilizando as pernas na altura do rosto ou abdômen do adversário, sua execução é muito mais difícil quando se comparada a um soco – demandando maior recrutamento de fibras musculares (dos membros inferiores) e maior capacidade da flexibilidade e velocidade do *karateka* (Hariri e Sadeghi, 2018). Por isso, também a sua pontuação é maior, uma vez que vale 3 pontos para o acerto de um *mawashi-geri* e 1 ponto para o acerto de um *gyaku-zuki*.

Outra questão é associada ao campo do Karate, na medida em que é configurado como um espaço social rentável com oferta e demanda. Neste espaço, o Karate esportivo brasileiro se comporta como um produto que é consumido e ofertado por agentes. Assim, constata-se um “conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais [...] como uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social” (Bourdieu, 1983: 136).

O último “E” é o **Educacional**. Configura-se aqui como princípio formativo, buscando interconectar todos os demais “E’s” – Emoção, Estética, Ética e Espetáculo (Marchi Júnior, 2015). Assim através dessa dimensão, conseguimos investigar o esporte, no caso o Karate esportivo brasileiro, com reflexividade e criticidade de forma ampla.

Dito de outra forma, podemos pensar a modalidade problematizando algumas questões, tais como: como o campo do Karate lida com a presença feminina? Há machismo, racismo, ou grupos marginais/outsiders nesse campo? Quais seriam? Que disputas estão atreladas a isso? Como se manifestam as formas ocultas de dominação? A questão da especialização precoce de crianças no esporte, acontece? Essas e outras questões podemos fazer, levando em consideração a dinâmica da dimensão Educacional, interagindo com os demais “E’s”.

### Considerações finais

O esporte é um fenômeno social que passou por diversos processos até chegar nos dias atuais como um produto ofertado em meio a demandas com vistas a obter lucro. Neste contexto, o Karate esportivo brasileiro, com seu caráter distintivo, comporta-se como um produto moderno e não mais se resume a uma prática marcial, uma vez que é delimitado por regras, possui um regulamento universal, bem como um mercado consumidor, aspirando os Jogos Olímpicos.

Assim sendo, o Karate esportivo, apresenta-se também como uma janela para o passado japonês, na medida em que sua gênese está atrelada ao interior das universidades japonesas da primeira metade do século XX. Nasceu em um contexto em que o Japão buscava uma identidade nacional, aspirava ser o maior império do Oriente, por isso, invadiu diversas regiões com seu movimento

expansionista e implacável. Então, demonstrou-se aqui as primeiras tentativas de esportivizar uma prática que na época estava sob a esteira de um governo ultranacionalista e conservador.

Buscou-se neste trabalho compreender a dinâmica e os dispositivos operantes do campo do Karate. Além disso, notou-se que a introdução e difusão do Karate esportivo no Brasil esteve atrelado a imigração japonesa (inclusive okinawana) que aqui chegou no pós-SGM. Nesta conjuntura, com o advento das primeiras competições da modalidade em solo brasileiro, aliado ao *boom* do campo cinematográfico com suas produções que traziam ao público as artes marciais asiáticas, a prática esportiva se popularizou largamente. Nesta conjuntura, o Karate japonês se adaptou ao contexto brasileiro e questões sociais, geográficas e históricas do Brasil acabaram por orientar esse processo.

Objetivou-se também entender o Karate esportivo brasileiro dentro do modelo de análise dos 5 E's proposto por Marchi Júnior, demonstrando aproximações pertencentes ao meio esportivo. As lentes dos 5 E's revelaram muitos fenômenos entre a Emoção e o Espetáculo. Foi possível perceber com a dimensão da Emoção um riquíssimo diálogo com a história do *karateka* Watanabe, tendo em vista que os efeitos catárticos evidenciados durante as suas memoráveis lutas demonstraram o impacto dos eventos esportivos, tanto em quem pratica quanto em quem assiste.

Identificamos que a modalidade esportiva dialoga de forma assídua com a dimensão da Estética e Ética, ainda mais refletindo-se que o alto rendimento, na maioria das vezes, não corrobora com o bem-estar, isto é, não conversa com a qualidade de vida dos *karatekas*. Com relação a dimensão Ética, atestou-se injustiças e excessos por parte de gestores esportivos nos primeiros anos de existência da CBK. A dimensão Espetáculo comprovou que o Karate esportivo brasileiro comporta-se como um produto que atende a uma demanda. Já a dimensão Educacional constatou que a modalidade pode ser pensada de maneira formativa, crítica e reflexiva, demonstrando toda a sinergia dos 5 E's apresentados neste estudo.

## Referências

- AIRES, H.; LEDUR, J. A.; SANTOS, A. F. A. L.; MAZO, J. Z. (2017). A introdução do Karate-Dō Shotokan no Rio Grande do Sul: memórias do sensei Watanabe. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 25(1), 118–128. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i1.6961>
- ALCANTARA, U.; RODRIGUES, T. (2000). Karate in Brazil: an overview. **Journal of Combative Sport - JCS**. Retrieved from [https://ejmas.com/jcs/jcsart\\_alcantara1\\_1200.htm](https://ejmas.com/jcs/jcsart_alcantara1_1200.htm)
- BECK, U. (2011). **Sociedade de risco: Rumo a uma Outra Modernidade** (2nd ed.). São Paulo: Editora 34.
- BOURDIEU, P. (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BOURDIEU, P. (2003). **Questões de Sociologia**. (M. S. Pereira, Ed.). Lisboa: Fim de Século -

Sociedade Unipessoas.

BOURDIEU, P. (2004). **Coisas ditas**. (C. R. da Silveira & D. M. Pegorim, Eds.) (1st ed.). São Paulo: Brasiliense.

BRASIL, K. (2018). **Organização do Karate mundial**. Retrieved October 31, 2018, from <https://karatedobrasil.org.br/>

CAMILO, J. A. O.; RUBIO, K. (2020). Reflexões sobre as versões de Karate em uma cidade metropolitana de São Paulo. **Quaderns de Psicologia**, 22(3), e1538. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/346943773\\_Reflexoes\\_sobre\\_as-versoes\\_de\\_Karate\\_em\\_uma\\_cidade\\_metropolitana\\_de\\_Sao\\_Paulo\\_Reflections\\_on\\_the\\_versions\\_of\\_Karate\\_in\\_a\\_metropolitan\\_city\\_in\\_Sao\\_Paulo](https://www.researchgate.net/publication/346943773_Reflexoes_sobre_as-versoes_de_Karate_em_uma_cidade_metropolitana_de_Sao_Paulo_Reflections_on_the_versions_of_Karate_in_a_metropolitan_city_in_Sao_Paulo)

CBK, C. B. K. (2022). **Organização do Karate Mundial**. Retrieved May 9, 2022, from <http://www.karatedobrasil.com/histria>

COAKLEY, J. (2021). **Sports in Sports in society: issues and controversies**. New York: McGraw-Hill.

COSTA, P. R. G. P. (2021). **Um olhar histórico-cultural sobre as obras escritas de Yasuyuki Sasaki: registros do karate brasileiro entre 1987 e 1995**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

CUNHA, M. N. (2016). **Incidência de lesões decorrentes da prática de artes marciais nas modalidades: karate, taekwondo, jiu-jítsu e judô**. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Retrieved from [https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/12906/1/TCC\\_FINALIZADO\\_CD.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/12906/1/TCC_FINALIZADO_CD.pdf)

DIAS, T. A.; SILVA, D. M. M.; CECÍLIA, F.; INÁCIO, G.; SOUZA, E. A. (2016). Prevalência de sintomas osteomusculares em praticantes de karate shotokan de Bezerros-PE. **Revista Inspirar: Movimento & Saúde**, 8(37). Retrieved from [http://www.inspirar.com.br/wp-content/uploads/2016/04/prevalencia-sintomas-artigo6\\_ed37\\_jan-fev-mar-2016.pdf](http://www.inspirar.com.br/wp-content/uploads/2016/04/prevalencia-sintomas-artigo6_ed37_jan-fev-mar-2016.pdf)

ELIAS, N. (1994). **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992). **A busca da excitação**. (SILVA, Ed.), Memória e sociedade. Lisboa: DIFEL Editorial.

FERREIRA, F. D. C.; SONODA-NUNES, R. J.; ALMEIDA, B. S. (2010). Da sala de cinema à academia: a influência dos filmes de ação na apropriação dos praticantes de Kung Fu chinês. Itajaí: **Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Retrieved from <http://congressos.cbce.org.br/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/view/2075>

FERREIRA, F. D. C.; SONODA-NUNES, R. J.; MARCHI-JÚNIOR, W. (2010). Da sala de cinema à academia: a influência dos filmes de ação na apropriação dos praticantes de kung fu chinês no Brasil. **EFDeportes.Com**, 15(151). Retrieved from <http://www.efdeportes.com/>

FERREIRA, J. B. (2021). Os “E’s” dos E-sports: uma análise polissêmica do esporte eletrônico. **Revista Da ALESDE - Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales Del Deporte**,

13(2), 51–64. <https://doi.org/10.5380/jlasss.v13i2>

FIGUEIREDO, A. A. A. (2006). **A institucionalização do Karate: os modelos organizacionais do Karate em Portugal**. Tese de Doutorado em Ciências do Desporto. Educação Física. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. (2011). Repensando a história do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), 25(2), 297–312. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200011>

GUMBRECHT, H. U. (2007). **Elogio da beleza atlética**. Companhia das Letras.

GUTTMANN, A. (1978). **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University.

GUTTMANN, A.; THOMPSON, L. (2001). **Japanese sports: a history**, 307.

HARIRI, S.; SADEGHI, H. (2018). Biomechanical Analysis of Mawashi-Geri in Technique in Karate: Review Article. **International Journal of Sport Studies for Health**, In Press(In Press). <https://doi.org/10.5812/intjssh.84349>

IPIE, I. P. I. E. (2020). **Panorama do Esporte Brasileiro**. Curitiba: Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva | Ministério da Cidadania do Brasil.

JKA, J. K. A. (2022). **History**. Retrieved May 11, 2022, from <https://www.jka.or.jp/en/about-jka/history/?msckid=beddc89dd16411ecae1dee93f36ebc26>

JOHNSON, N. C. G. (2012). The Japanization of Karate?: Placing an intangible cultural practice. **Journal of Contemporary Anthropology**, 3(1), 61–78.

KIM, J.; KIM, E. (2022). “There Is No First Attack in Karate”: The Emergence of “Sport Karate” During the Allied Occupation of Japan. **Sport History Review**. <https://doi.org/https://doi.org/10.1123/shr.2021-0005>

LEDUR, J. A. (2012). **Karate no Rio Grande do Sul: as contribuições de Akira Taniguchi**. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

LEDUR, J. A.; CARMONA, E. K.; MAZO, J. Z. (2013). Karate Gōjū-Ryū No Rio Grande Do Sul: Revisitando a Vida De Akira Taniguchi. *Recorde - Revista de História Do Esporte*, 6(2), 1–23. Retrieved from <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/662>

LEMINSKI, P. (1986). **O mestre**. Retrieved August 1, 2022, from [http://kodokan.com.br/site/?page\\_id=18](http://kodokan.com.br/site/?page_id=18)

MARCHI-JÚNIOR, W.; ALMEIDA, B. S.; SOUZA, J. (2019). **Introdução à Sociologia do Esporte** (1st ed.). Curitiba: InterSaberes.

MARCHI JÚNIOR, W. (2015). O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-**

**Cultural Studies of Sport - ALESDE**, 5(1), 46–67. <https://doi.org/10.5380/jlasss.v5i1.43890>

MARCHI JÚNIOR, W.; GEBARA, A. (2020). A metáfora do jogo e o mimetismo social: delimitações e apropriações na pesquisa e na análise sociológica do esporte. **Revista Da ALESDE - Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales Del Deporte**, 12(2), 22–32. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v12i2.75094>

MARQUES-JÚNIOR, N. K. (2013). Campeonato Mundial de Kumite do Karatê Shotokan de 1972: pontos dos golpes , ações ofensivas e zona dos pontos do brasileiro Luiz Tasuke Watanabe. **EFDeportes.Com**, 178(17).

MARQUES, R. F. R. (2015). O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio Del Deporte - ODEP**, 1, 147–185.

MARTA, F. E. F. (2009). **A Memória das Lutas ou o Lugar do “Do”: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado em História. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP.

MARTINS, J. V. C.; PESTANA, T. S.; PULZATTO, F.; MITIDIERI, A. M. S. (2017). Incidência de lesões na modalidade kumitê na categoria infanto-juvenil da Copa São Paulo de Karate em Birigui-SP. **Revista Saúde UniToledo**, 01(02), 17–26. Retrieved from <http://ojs.toledo.br/index.php/saude/article/view/2592>

MORAES E SILVA, M.; CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS, D. C.; AMGARTEN QUITZAU, E.; LEVORATTI, A. (2020). Similitudes y diferencias en la historiografía del deporte en Brasil y Francia: un diálogo con “Histoire du sport” de Thierry Terret. **Anuario de la Escuela de Historia**, 33. Retrieved from <https://anuariodehistoria.unr.edu.ar/index.php/Anuario/article/view/306>.

OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, A. C. C.; VALENÇA, M. M. (2011). Brain trauma and other injuries in high level karate athletes. **Neurobiologia**, 74(1). Retrieved from [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/45417207/Brain\\_trauma\\_and\\_other\\_injuries\\_in\\_high\\_20160506-32315-1gol9uh-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1659296975&Signature=aoVtXNgZdKKZQ4oDBZpmT1n85s-g50GQMqpxKT0KfCpJYcYpP2rJk52tV1gPIgPh3DSvqEV-o~vsHrTe6Pc0Lvf5kjU4P](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/45417207/Brain_trauma_and_other_injuries_in_high_20160506-32315-1gol9uh-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1659296975&Signature=aoVtXNgZdKKZQ4oDBZpmT1n85s-g50GQMqpxKT0KfCpJYcYpP2rJk52tV1gPIgPh3DSvqEV-o~vsHrTe6Pc0Lvf5kjU4P)

OLIVEIRA, M. A. (2015). **A introdução e difusão do karate shotokan em Curitiba: memórias e processos**. Monografia de Conclusão de Curso em Educação Física. Curitiba, Universidade Federal do Paraná - UFPR. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.22800.51206>

OLIVEIRA, M. A. (2020). **O karatê: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos**. Dissertação de Mestrado em Ciências. São Paulo, Universidade de São Paulo - USP. <https://doi.org/10.11606/D.39.2020.tde-13052021-145905>

OLIVEIRA, M. A. (2021). Estreia do caratê nos Jogos Olímpicos é um convite a esse rico universo. **Folha de São Paulo**. Retrieved from <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/08/estreia-do-carate-nos-jogos-olimpicos-e-um-convite-a-esse-rico-universo.shtml>

OLIVEIRA, M. A.; FROSI, T. O.; SONODA-NUNES, R. J.; PIMENTA, T. F. F.; REIS-JUNIOR, C. A. B.; AMSTEL, N. A. (2018). De “mãos vazias” a “mãos com luvas”: uma análise sociológica sobre o Karate e os Jogos Olímpicos. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, 2(1), 324–342.

<https://doi.org/https://doi.org/10.30937/2526-6314.v2n1.id40>

OLIVEIRA, M. A.; LOPES, J. C.; SONODA-NUNES, R. J.; FIGUEIREDO, A. A. A. (2019). The sportivization process of a martial art: the karate. **Revista de Artes Marciais Asiáticas - RAMA**, 14(2), 59–60. Retrieved from <http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/artesmarciales>

OLIVEIRA, M. A.; SONODA-NUNES, R. J. (2017). A Introdução do Karate Shotokan no Estado do Paraná: a Perspectiva dos Mestres Pioneiros (1960-1980). **XX Congresso Brasileiro de Ciências Do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências Do Esporte**. Goiânia, Goiás. Retrieved from <http://cev.org.br/biblioteca/a-introducao-do-karate-shotokan-no-estado-do-parana-a-perspectiva-dos-mestres-pioneiros-1960-1980/>

PINTO, L. F. M. (2021). De Karatê Kid à Cobra Kai: uma análise da construção de sentidos nas artes marciais pela mídia. **Revista Livre de Cinema**, 8(2), 173–187. Retrieved from <http://relici.org.br/index.php/relici/article/view/326/383>

PUCINELLI, F. A. (2017). **Modernização do Karate: Gichin Funakoshi e as Tecnologias Políticas do Corpo**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Rio Claro, Universidade Estadual Paulista - UNESP.

PUCINELLI, F. A. (2019). Karate-Kid e a modernização do Karate: paralelos e representações. In S. L. C. dos Santos (Ed.), **Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea** (pp. 159–173). CRV. <https://doi.org/10248249788544433355>

RANGEL, I. (1996). **Estudos de Karatê**. Salvador, Bahia: Egba.

RIBAS, M. R.; PEREIRA, M. A. S.; BARBOSA, T. A.; LASS, A. D.; BASSAN, J. C. (2020). Tactical and technical performance analysis of the Male 65 kg category at the Brazilian Shotokan Karate Championship. **Journal of Physical Education** (Maringá), 31(1), 3–10. <https://doi.org/10.4025/JPHYSEDUC.V31I1.3106>

RICCI, C. S.; OLIVEIRA, F. V. C.; MARQUES, R. F. R. (2022). O esporte no contexto escolar extracurricular: sentidos e contradições no ensino do futsal. **Educação e Pesquisa**, 48. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202248237054por>

RICHARD, H. (2017). **Hanshi's first true sensei**: master Akira Taniguchi & a history of karate in Brazil. Retrieved July 30, 2022, from <https://archive.budoryu-international.com/index.php/8-bri-historical-archive/4-master-akira-taniguchi-hanshi-s-first-true-sensei>

RUBIO, K. (2001). **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo (1st ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

RUBIO, K. (2010). Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 24(1), 55–68.

RUBIO, K. (2019). **Do pós ao neo Olimpismo**: esporte e movimento olímpico no século XXI (1st ed.). São Paulo: Laços.

SANTOS, G. D. O. (2021). Arte marcial, cinema e moralidade: impulsos do corpo e o cultivo de si. **Movimento** (Porto Alegre), 27, e27051. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.107568>

SANTOS, P. J. M. P. (2015). **Análise biomecânica do chute frontal de karatê: implicações em lesões nos membros inferiores**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Mecânica. Guaratinguetá, Universidade Estadual Paulista - UNESP. Retrieved from <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123240/000824701.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SENA, Í. R. (2014). **Índice de lesão nos competidores de lutas**. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Retrieved from <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/5871>

SILVA, L. A. N.; CAMPELO, C. B. (2020). Corpo e arte marcial no cinema: uma leitura da relação mestre-discípulo no filme *Karatê Kid*. **Revista Contrapontos**, 20(2), 357–371. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v20n2.p357-371>

SIMÕES, H.; PEREIRA, B.; FIGUEIREDO, A. (2021). Segurança e proteção na amizade entre adolescentes vítimas de bullying e praticantes de karate. In L. M. Lourenço, F. A. D. Mendes, T. V. da S. Stroppa, & D. A. G. Gomes (Eds.), **Estudos contemporâneos sobre violência e agressividade humana** (pp. 156–171). Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/358282044\\_Seguranca\\_e\\_protecao\\_na\\_amizade\\_entre\\_adolescentes\\_vitimas\\_de\\_bullying\\_e\\_praticantes\\_de\\_karate](https://www.researchgate.net/publication/358282044_Seguranca_e_protecao_na_amizade_entre_adolescentes_vitimas_de_bullying_e_praticantes_de_karate)

SOUSA, M. F. (2013). O caminho-via marcial no cinema japonês: estudos sobre a representação do budô em Sanshiro Sugata e Kuro Obi. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), 19(2), 327. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.32665>

SOUZA, J.; MARCHI-JÚNIOR, W. (2017). Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social - Revista de Sociologia Da USP**, 29(2), 243–286.

TABBEN, M.; COQUART, J.; CHAABÈNE, H.; FRANCHINI, E.; GHOUL, N.; TOURNY, C. (2014). Time-motion, tactical and technical analysis in top-level karatekas according to gender, match outcome and weight categories. **Journal of Sports Sciences**, 33(8), 841–849. <https://doi.org/10.1080/02640414.2014.965192>

TESTA, C. R. (2007). **Pobreza política e dominação: um caso de patrimonialismo moderno em um campo esportivo**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília, Universidade de Brasília - UnB. Retrieved from [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2728/1/2007\\_CarlaRibeiroTesta.PDF](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2728/1/2007_CarlaRibeiroTesta.PDF)

TESTA, C. R. (2010). **Pobreza política e dominação: o caso do caratê brasileiro**. Brasília: Liber Livro.

URBINATI, K. S.; VIEIRA, A. D.; PAPCKE, C.; PINHEIRO, R.; NOHAMA, P.; SCHEEREN, E. M. (2017). Physiological and Biomechanical Fatigue Responses in Karate: A Case Study. **The Open Sports Sciences Journal**, 10(1), 286–293. <https://doi.org/10.2174/1875399x01710010286>

VAROTTI, F. D. P.; HEEREN, C. E. S.; SOUZA, D. L. (2020). Legados dos Jogos Paralímpicos: análise da produção acadêmica sob a perspectiva do modelo analítico dos 5 E's. **The Journal of Latin of the Latin American Socio-Cultural Studies of Sport - ALESDE**, 12(2), 136–154. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v12i2>

**ociologia do esporte.** São Paulo: Factash, p. 29-53.